



# Inflação, causalidade

**N**um quarteirão pontilhado pela discussão, quatro grupos, um em cada esquina, chamavam a atenção dos passantes. No primeiro, discutia-se fervorosamente a questão da causalidade entre preços e salários.

Um indivíduo, o mais excitado do grupo, defendia a todo o custo a idéia de que o aumento contínuo e indiscriminado de preços não poderia encontrar outra forma de defesa, por parte dos trabalhadores, que não a indexação dos salários à inflação passada. Para este, estava suficiente e indiscutivelmente claro que o reajuste de salários nominais era uma simples consequência, e jamais uma causa, da elevação já ocorrida do nível de preços.

Fazendo-lhe oposição, encontravam-se outros que defendiam o ponto de vista radicalmente oposto: os empresários, uma vez aumentada a remuneração nominal de seus empregados, não teriam opção, de forma a manter a sua margem de lucros, senão aumentar, na mesma proporção, os preços dos produtos que vendem.

Na outra esquina, o problema girava em torno dos preços e da moeda. Alguns estavam certos que a falta de controle monetário, excitando a demanda agregada, aos preços correntes, acima da capacidade de oferta da economia, não poderia encontrar outro mecanismo corretor que não a elevação do nível geral de preços. O ponto de vista oposto defendia a tese de passividade monetária: ao Banco Central, uma vez aumentados os preços dos bens e serviços disponíveis na economia, não restaria outra opção que não elevar a

quantidade disponível de meios de pagamento. Caso contrário, a queda do poder de compra do estoque monetário à disposição do setor não bancário da economia teria como contrapartida uma elevação das taxas de juros, queda dos investimentos privados e consequente aumento de desemprego.

## O PRAZER DE DISCUTIR

Formando o triângulo isósceles com os nossos dois grupos predecessores, alguns indivíduos, mais preocupados com alguns problemas que não costumam freqüentar tão assiduamente as manchetes dos jornais, discutiam como modificar a sua rotina diária no dormir e no despertar.

Uma parte estava convencida que o grupo dormia tarde porque acordava tarde, enquanto a outra achava que a colocação estava logicamente invertida: eles acordavam tarde porque dormiam tarde.

Fechando o quadrado de nosso quarteirão filosófico, não se encontrava, como se poderia pensar, um último grupo discutindo o sexo dos anjos. Mas sim um jovem e um velho.

Este último, tendo convivido durante vários anos com uma gigantesca cratera à porta de sua casa, mostrava-se irritadíssimo com o jovem. Ele argumentava que não pagaria seus impostos devidos à prefeitura enquanto não fosse providenciado o conserto do buraco em frente à sua casa. O jovem, entretanto, defendendo as cores da prefeitura, tentava esclarecer que a culpa pelo atraso na restauração se devia ao

próprio comportamento do velho, que não havia ainda saldado seus compromissos para com a coletividade municipal. Cada um, vendo as coisas à sua maneira, colocava a causa e consequência em determinado lado da gangorra.

Vários anos se passaram sem que nenhuma das discussões chegasse a um consenso. Tardes inteiras, que poderiam ser dedicadas a outras atividades, preenchiam, dia a dia, o tempo daquelas pessoas. Em deferência à idéia pela qual as situações reais sempre correspondem a algum estado ótimo obtível (ainda que tautológico) na alocação de tempo e recursos, havia quem jurasse que aquelas pessoas tinham um prazer todo especial por aquelas discussões. A defesa de cada ponto de vista, ainda que não encontrasse aceitação por parte do oponente, representaria algo como, por exemplo, uma defesa da superioridade estética de alguma cor especial (azul por exemplo) sobre as demais do espectro visível.

Um dia, o velho adoeceu. Uma gripe, acompanhada de intermitentes dores de cabeça, jogou-o na cama, impedindo-o de comparecer às suas sessões diárias de embates com o jovem empregado da prefeitura. Tendo indagado ao médico que o assistia se algum medicamento especial poderia livrá-lo imediatamente da gripe, causa de suas intermináveis dores de cabeça, foi com surpresa que recebeu um analgésico, que o livrou da dor de cabeça, mas não da gripe. Sem a cefaléia, contudo, esta última já não lhe causava o menor transtorno.

O fato de ter resolvido seu principal problema, sem um ataque direto à sua causa, animou-o a abandonar as dis-

# e controlabilidade

RUBENS P. CYSNE

cussões a respeito da causalidade na demora pela solução de seu transtorno doméstico.

Não interessava tanto se o buraco existia porque os impostos não eram pagos ou se não eram pagos porque o buraco existia. Em qualquer circunstância, a questão seria mais fácil e imediatamente solucionada, dada a irreduzibilidade da prefeitura, pelo lado do pagamento inicial das taxas devidas. Baseado nisto, o velho liquidou seus débitos em atraso e resolveu finalmente um velho problema. No outro dia o buraco estava reparado.

## O LADO MAIS FRACO DA CORDA

Sabendo o que havia ocorrido na esquina ao lado, em que a passagem das discussões em torno da causalidade à discussão a respeito de controlabilidade havia dado origem a um aumento de bem-estar, o terceiro grupo chegou à conclusão que a forma mais adequada de se modificar a rotina de sono se daria acordando-se cedo no primeiro dia. Isto porque aqueles que fizeram a opção contrária, tendo deitado cedo de forma a acordar mais cedo, não conseguiram pegar no sono antes do horário habitual, tendo novamente acordado tarde no dia seguinte. Decidiu-se então que, a despeito da possibilidade da corrente que defendia a idéia que se acordava tarde porque se dormia tarde ter razão, a variável de controle seria a hora de acordar, e não a hora de ir para a cama.

Em ambos os casos, uma corda que apresenta um ponto fraco em uma das

extremidades é forçada em cada uma de suas pontas. Ela arrebentará na extremidade mais fraca, independentemente do grupo de atletas mais forte estar concentrado do seu lado esquerdo ou direito.

Voltando às questões em torno da inflação, parece bem defensável a idéia de uma determinação conjunta, em que preços sobem porque salários sobem e vice-versa, o mesmo ocorrendo em relação à moeda. Mas ainda que possivelmente correta, esta solução mineira não preenche o centro da questão.

Para aqueles que têm em mãos a responsabilidade pela decisão, o mais importante, traçado qualquer objetivo, é estabelecer o conjunto de variáveis de controle que melhor atenda às suas necessidades. Como em geral (mas não necessariamente) estas costumam estar associadas a variáveis causas (nos poucos casos em que elas podem ser razoavelmente identificadas), vale a pena uma certa discussão sobre o assunto.

Numa economia onde um decreto, sob pena de morte, estabelecesse uma elevação anual de 100% para todos os preços, não haveria discussão a respeito da visível superposição das variáveis causa e controle. Qualquer possível dissociação entre estas, por exemplo, pela eleição de um congelamento monetário como variável de controle, ao invés de solucionar o problema, agrava-lo-ia.

Mas este não é sempre o caso. Imaginemos o caso de um indivíduo que anda armado e, ao saber da morte de um parente próximo, suicida-se num momento de desespero. A ausência da

arma poderia evitar o drama subsequente, embora deixasse intocável a sua causa básica. Neste exemplo, existe uma clara dissociação entre a variável de controle (posse de arma) e a variável causa (morte do parente próximo). Ou será que alguém vai tentar defender a idéia de que a posse de arma foi a causa do suicídio?

Na identificação de preços ou salários como variável de controle no combate à inflação, não parece haver dúvida quanto à maior factibilidade do controle salarial. É certamente muito mais fácil, para o formulador de política econômica, redigir uma lei salarial do que controlar os preços de todas as transações realizadas no País. Nada impede, contudo, que um fortalecimento sindical ou algum outro fator facilitador do controle de preços modifique esta situação, invertendo a variável de controle. Observe-se que a questão independe totalmente das discussões efetuadas em nossa primeira esquina. O mesmo pode ser dito em relação aos preços e à expansão monetária.

Se o velho do nosso exemplo fosse um pouco mais teimoso e a prefeitura suficientemente flexível às suas ponderações, a solução do problema teria se dado mais facilmente na ordem inversa. Inicialmente, o buraco seria consertado. Depois os impostos seriam pagos. O mesmo ocorreria com os cambiadores do sono, caso conseguissem adormecer assim que fossem para a cama.

Em todos os casos, o importante é identificar o lado mais fraco da corda, e não ficar discutindo se ela arrebentou devido à força concentrada do lado direito ou do lado esquerdo. ★